



## SENADO FEDERAL

### REQUERIMENTO Nº 49, DE 2008

*Requer a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal para marcar os 200 anos da Imprensa Brasileira e, homenagear o seu Patrono, Hipólito José da Costa, a ser realizada, preferencialmente, em 1º de Junho de 2008, Dia da Imprensa (Lei 9.831, de 13/09/1999).*

Com fundamento no disposto no inciso III do artigo 154 do Regimento Interno do Senado Federal, requeremos a Vossa Excelência a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal, a ser marcada em data oportuna, a ser realizada preferencialmente em 1º de Junho de 2008, data esta consagrada pela Lei, nº 9.831 como Dia da Imprensa para prestar homenagens ao seu Patrono, Hipólito José da Costa, e ao transcurso dos 200 anos da Imprensa Brasileira.

#### JUSTIFICAÇÃO

A proposta que encaminhamos, de realização de uma Sessão Especial Solene do Senado Federal pelos 200 anos da Imprensa Brasileira e em homenagem ao seu Patrono, Hipólito José da Costa, tem origem em manifestação da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). A instituição desenvolve um projeto cultural abrangente sobre o tema, com o objetivo de destacar o jornalista, advogado e naturalista brasileiro que, em 1º de Junho de 1808, colocou em circulação, em Londres, onde estava exilado, o “Correio Braziliense”. Foi o nosso primeiro jornal, com distribuição mensal no Brasil e em Portugal. Hipólito da Costa também é o patrono da Cadeira número 17, da Academia Brasileira de Letras, por escolha direta do seu fundador, o poeta Sílvio Romero.

A iniciativa de Hipólito de publicar um jornal independente, no qual comentava em tom crítico as decisões e políticas que a monarquia portuguesa desenvolvia no Brasil, ao mesmo tempo em que propagava idéias liberais que incomodavam a Coroa, fez dele um exemplo de coragem para a imprensa livre brasileira. Terezinha de Castro, no livro “Hipólito da Costa, Idéias e Ideais”, (Record, 1973), conta que ao ser questionado por escolher a Inglaterra para publicar seu veículo, o jornalista explicou que o motivo foi “a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelo perigo a que os redatores se exporiam falando livremente das ações dos homens poderosos”. Ele sabia o risco que corria, pois havia fugido dos cárceres de Lisboa, onde ficou três anos e meio, processado pelo Santo Ofício sob a acusação de pertencer à maçonaria, organização considerada subversiva.

O Correio Braziliense teve sua circulação proibida, como de resto estava impedida de circular, no Brasil e em Portugal, qualquer publicação que não fosse antes aprovada pelas autoridades. No entanto, apesar das dificuldades e da violenta reação oficial contra o jornal e seu redator, a iniciativa obteve sucesso editorial. Tanto, que entre seus leitores estava o próprio D. João, que se interessava pelos artigos do jornalista, segundo registra Adolfo Varnhagen, em “História Geral do Brasil” (Melhoramentos, 1959). O objetivo do monarca, segundo diz, era não apenas buscar informação, mas, também, “receber conselhos, e até para com isso tratar de conter seus próprios ministros”.

Aí está, em poucas palavras, registrada a importância para uma sociedade de uma imprensa livre e independente, seja qual for o regime político. Tanto o cidadão comum como também os governantes podem tirar proveito. Ao longo da história, a liberdade de expressão e de imprensa, o direito do povo de ter livre acesso às informações para formação de opinião, se constituíram nos principais pilares da democracia, como acontece com os princípios definidos no artigo 1º da Constituição do Brasil: soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

Nem sempre foi assim, tanto em nossa pátria como na história do mundo. Perseguição semelhante a que Hipólito da Costa sofreu foi testemunhada, infelizmente, em muitos outros lugares e épocas da história.

### Formação

Nascido em 13 de agosto de 1774, na localidade de Colônia de Sacramento, fundada por Portugal e que hoje integra a República Oriental do Uruguai, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça faleceu em Londres, Inglaterra, em 11 de setembro de 1823. Era filho de uma moça portuguesa e de um fazendeiro da Capitania do Rio de Janeiro, destacado para a região como alferes das tropas de Portugal.

Sua família foi obrigada a deixar a localidade quando Sacramento passou para o controle definitivo da Espanha. Estabeleceram-se como estancieiros no Continente do Rio Grande de São Pedro, mais exatamente na área onde hoje se situa a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Hipólito passou ali sua adolescência e fez os primeiros estudos, formando-se depois, em 1798, em Direito e Filosofia, além de Ciências Naturais, na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Essa formação intelectual abrangente permitiu que, no mesmo ano, fosse designado para sua primeira missão no exterior. Foi enviado aos Estados Unidos pelo ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, dom Rodrigo Domingos de Souza, com o objetivo de observar e registrar tudo o que pudesse, desde as questões econômicas, o modo de vida, as novas técnicas, a agricultura, estradas, rios, a pesca, a arquitetura e, até, o funcionamento dos presídios e hospitais. Uma atividade que ocupou mais de um ano. A viagem rendeu um livro primoroso, que seduz pelo estilo e riqueza de detalhes, "Diário de minha viagem para Filadélfia (1798-1799)". A obra traz comentários e descrições sobre a vida no país e sua gente rude e determinada, envolvida na construção de uma nação.

De volta a Portugal, foi nomeado para a administração da Imprensa Real. Nessa época, já era ligado à maçonaria e estava impressionado a liberdade de imprensa que encontrou nos Estados Unidos. No livro "Diário", registra uma visita ao prédio do Correio, onde observa "pelos paredes muitos editais e impressos para coisas de bagatela, porque aqui, como a imprensa é livre, tudo se imprime para maior comodidade".

### Perseguição

Em nova viagem oficial, desta vez à Inglaterra e à França, estreitou seus laços com as lojas maçônicas. Essa atividade alertou a Coroa Portuguesa. Tanto, que na volta, em 1802, foi preso pela Inquisição. Sua permanência nos cárceres e os constantes interrogatórios que sofreu estão registrados de forma crua, no livro "Narrativa da perseguição".

O texto, que pode ser considerado como uma grande reportagem, resume o que significou a detenção para Hipólito da Costa. Diz ele que "não obstante tudo quanto eu tinha lido e ouvido sobre a Inquisição, julgava que os procedimentos deste Tribunal não tinham já aquele caráter de crueldade, nascida da ignorância do Direito criminal de seus Ministros, e da insaciável cobiça de se aproveitarem dos bens alheios".

Hipólito conseguiu fugir e escolheu Londres para viver e trabalhar, dedicando-se a atividades comerciais. Foi professor de português, tradutor e escritor, até decidir fundar um jornal. Entre os livros que escreveu estão o "Diário de minha viagem para Filadélfia (1798-1799)" e a tradução para o português da obra de E. Fortune, "A História do Banco da Inglaterra". Mas, foi como jornalista independente, o primeiro do Brasil, que inscreveu

seu nome na história. O “Correio Braziliense” circulou de 01 de Junho de 1808 a dezembro de 1822, ano da independência do Brasil, da qual era ferrenho partidário. Esse acontecimento foi registrado, com entusiasmo, por Hipólito da Costa. No penúltimo número do jornal publicou artigo em que festejava o fato de “se ter tornado o nosso país independente e unido”. Para ele, “só a prosperidade do povo é que faz a prosperidade dos governos”.

Hipólito tinha admiração pelo liberalismo econômico inglês. Na opinião do diplomata Paulo Roberto de Almeida (“Formação da Diplomacia Econômica no Brasil”, Senac/SP, 2005), “as posições de Hipólito deram origem a uma escola de pensamento, se não protecionista e industrializante, pelo menos desconfiada do livre-cambismo e da abertura irrestrita, postura que influencia ainda hoje o universo doutrinal e político das elites brasileiras”.

Falecido aos 49 anos, marcou sua vida pelo envolvimento nas lutas políticas e pela liberdade de imprensa. Defendeu, com alto custo, sofrendo perseguições e sob a permanente ameaça de vingança da Inquisição, as idéias mais avançadas de sua época. Exilado, viveu, como disse, “o perpétuo desgosto de se banir para sempre de sua pátria”. Tinha consciência de que jamais poderia voltar a Portugal ou ao Brasil.

Hoje, seus restos mortais descansam no estrangeiro, na Igreja de Santa Maria de Hurley, no Condado de Berckshire, na Inglaterra. Uma placa, colocada pela Embaixada do Brasil, diz o seguinte:

“Aqui jaz Hipólito José da Costa 1774/1823 – Patriota Brasileiro e fundador da Imprensa Brasileira. Através do Correio braziliense, publicado de 1808 a 1822, teve participação decisiva no processo da Independência do Brasil.”

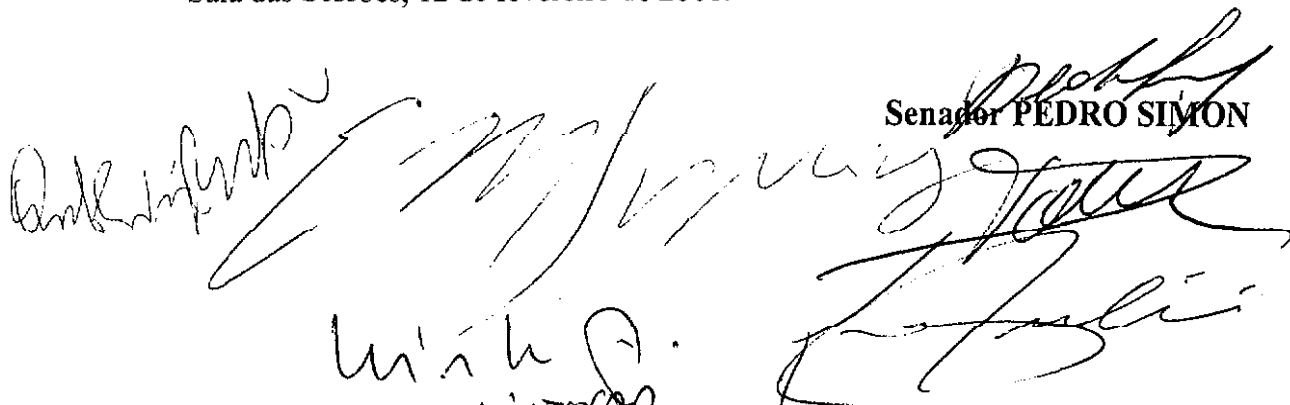
Tão ou mais significativa, é uma outra inscrição, essa anônima, mas atribuída ao seu amigo o Duque de Sussex:

“Um homem não menos distinto pelo vigor de seu intelecto e eficiência e literatura como na integridade de suas maneiras e caráter. Descendia de nobre família do Brasil, e neste país residiu nos últimos 18 anos, durante os quais, por seus numerosos e valiosos escritos, difundiu entre os habitantes daquele extenso Império o gosto pelos conhecimentos e a afeição às artes, que embelezam a vida, o amor à liberdade constitucional, fundamentada na obediência a leis salutares, bem como aos princípios de mútua benevolência e de boa vontade. Um amigo, que o conheceu e admirou suas virtudes, assim as recorda para proveito da posteridade”.

Essa é a nossa intenção, relembrar para as gerações atuais, a vida, os ideais e o exemplo de Hipólito José da Costa, Patrono da Imprensa Brasileira, marcando com uma homenagem da Sessão Especial do Senado, os 200 anos da fundação do primeiro jornal brasileiro.

Com essa iniciativa, procuramos destacar, também, e, principalmente, o valor da liberdade de expressão e da imprensa livre para uma sociedade democrática.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008.



Senador PEDRO SIMON

Publicado no **Diário do Senado Federal**, de 13/2/2008.

Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília – DF

(OS:10321/2008)